

MANFREDO DE SOUZANETTO

MANFREDO DE SOUZANETTO

POR ANNE-MARIE LUGAN DARDIGNA

A obra de Manfredo de Souzanetto apresenta para mim o caráter do insólito e do paradoxal: sendo regida pela mesma coerência dominada, quer se trate de esculturas, de pinturas ou de esculturas-pinturas, são objetos e figuras complexas de descrever. No entanto, poderíamos dizer de cada uma que é construída e estruturada com simplicidade. O que também impressiona imediatamente é que esta obra se situa na ordem do natural por meio dos materiais principais nos quais ela se exprime: madeira, juta, papel artesanal e, mais frequentemente, pigmentos de terra. Pois a ordem natural do mundo logo traz a questão das fronteiras, dos limites. Originalmente, são aqueles das montanhas que cercam Belo Horizonte. Beleza natural para se amar e proteger, essas montanhas também encerram contradições humanas: embora encarnem a beleza original e familiar cuja visão vivifica a energia, também simbolizam os limites do horizonte, as fronteiras que será preciso ultrapassar um dia para ver além. Parece-me que os quadros de Souzanetto restituem essa relação com as fronteiras apresentando sempre formas recortadas múltiplas, quer sejam os limites de uma cor recortada sobre outra, ou o próprio chassi fragmentado em diversos chassis justapostos. O pintor diz que no início foi uma imposição material que o levou a esta decomposição do chassi: a exiguidade de seu ateliê parisiense não lhe permitia realizar os grandes formatos que lhe correspondiam. Teve então a ideia de fragmentar seu formato habitual em vários pequenos que em seguida unia fora do ateliê. Imagino no entanto que esta limitação

correspondeu a uma disposição profunda do pintor, já que em seguida manteve por muito tempo esta maneira de compor seus quadros, combinando formas geométricas que multiplicam as bordas, as fronteiras, os limites.